

III International Conference Learning and Teaching in Higher Education

&

I Congresso Internacional Ibero-Afro-Americano de Psicologia

ACTAS

VOLUME I – ENSINO SUPERIOR



15, 16 e 17 de Abril de 2015

Universidade de Évora

FICHA TÉCNICA

Título: Actas da III International Conference Learning and Teaching in Higher Education & I Congresso Internacional Ibero-Afro-Americano de Psicologia - **VOLUME I – ENSINO SUPERIOR**

Organizador: Maria Elisa Chaleta

Edição: Gabinete para a Promoção do Sucesso Académico / CIEP – Universidade de Évora

Design Gráfico – Olivia Matos & Fátima Leal

ISBN: 978-989-96656-5-1

APOIOS



Índice

APRESENTAÇÃO	4
COMISSÃO CIENTÍFICA	5
COMISSÃO ORGANIZADORA	6
PROGRAMA	7
RESUMOS DOS SIMPÓSIOS	14
RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES	50
RESUMOS DOS POSTERS	98
TEXTOS COMPLETOS	119

Apresentação



A organização da III Internacional Conference Learning and Teaching in Higher Education e do I Congresso Ibero Afro Americano de Psicologia pretende reunir profissionais e investigadores de Portugal, Espanha, Países da Comunidade de Língua Portuguesa (CPLP) e Países da América Latina. Sob o elo da Psicologia pretende-se reunir uma vasta comunidade que partilhe, entre si, conhecimento em variadas temáticas com reflexo no desenvolvimento humano e nos desafios que atualmente se colocam a vários níveis num mundo globalizado.

É ponto assente que o desenvolvimento social e económico de um país depende do conhecimento e do nível educativo dos seus cidadãos. Num momento de desafios e de perspectiva de profundas reformas importa refletir aprofundadamente sobre os desafios que na atualidade se colocam no ensino superior, à investigação e à internacionalização construindo para isso um espaço de reflexão em que a ciência se pronuncie, aproximando e colocando em evidência os contributos que em vários domínios e em vários contextos se vão produzindo. Bem-vindos à Universidade de Évora!

Áreas Temáticas

- Ensino Superior
- Formação de Psicólogos
- Inclusão Educativa e Social
- Psicologia e Saúde
- Aprendizagem e Desenvolvimento ao Longo da Vida
- Formação e Transição para o Mundo de Trabalho
- Interculturalidade
- Psicologia e mundo actual

SIMPÓSIOS/ COMUNICAÇÕES/ POSTERS - 17 de ABRIL

17 de ABRIL SIMPÓSIO 7 – (Auditório – 9,30 – 10,30) Variables personales y contextuales relacionadas con la transición e adaptación a la educación superior Coordenador: Manuel Deaño		
S7	António Diniz & Maria Isaura Almeida	Determinantes da escolha do mestrado integrado em ciências policiais
	Alexandra M. Araújo & Leandro S. Almeida	Dificuldades antecipadas pelos estudantes no acesso ao ensino superior
	Sonia Alfonso, António Diniz, Angeles Conde, Manuel Deaño, Fernando Tellado y Mar García-Señorán	Relación entre la planificación y las expectativas de los estudiantes de enseñanza superior de primer año

17 de ABRIL MESA 9 (Sala anexa 1 – 9,30 – 10,30) Moderador: Nuno Amado		
C36	Nuno Amado* & Tânia Salsa	Características favorecidas na escolha de parceiros amorosos em relações de longo prazo em estudantes universitários
C38	Sandra Ribeiro	Competencies and Curriculum: Elementary Teacher
C39	Maria José Martins; Suzana Caldeira; Osvaldo Silva; Suzana Botelho & Maria Mendes	Representações e opiniões dos estudantes de licenciatura sobre as praxes no ensino superior

17 de ABRIL MESA 10 (Sala anexa 2 – 9,30 – 10,30) Moderadora: Madalena Melo		
C40	Anabela Banha & Sofia Tavares	Representações da Psicologia entre Estudantes Universitários
C41	Inês Nascimento	Explorando as potencialidades da educação estética na formação ética de Psicólogos
C43	Maria Elisa Brissos & Sofia Tavares	Identidade profissional: A percepção do conhecimento no processo de construção de identidade dos psicólogos clínicos
C44	Madalena Melo & José Simões	Contributos para os estudo o processo de doutoramento: relação de orientação e percepção de desenvolvimento pessoal

17 de ABRIL SIMPÓSIO 8 – (Auditório – 12 – 13) Soft-skills no Ensino Superior Coordenadora: Célia Figueira		
S8	Célia Figueira & Lorena Boga García	Impacto das práticas de voluntariado dos estudantes do ensino superior no desenvolvimento de competências emocionais
	Isabel Gonçalves, Ana Lucas, Gonçalo Moura & Sofia Sá	Desenvolvimento de <i>Soft Skills</i> no ensino superior – três modelos
	Cláudio Pina Fernandes & Andreia Santos	Brincar com os ingredientes vs. ensinamentos de chefes três estrelas Michelin: que caminho seguir quando queremos desenvolver competências transversais em estudantes do ensino superior?

purpose is confronting the profile observed with the desired profile to this type of teacher, grounded on identified skills.

It consists of identifying teachers' day-to-day reality, combining this reality with the first learning model they have been subjected to initially, as well as how they have carried it on. The design of expected profile is based on a set of theories crossing knowledge from the Curriculum to the field of Teacher Training. For this, a conceptual framework has been made, which connects curriculum aspects with teachers' training and professional performance elements, aiming at the definition of a performance profile. Then, by comparing, we question the identified elementary school's Mathematics teacher's profile and the desired profile for the same type of teacher. According to this line of thinking, we have structured our research into three parts. In the first part, the theoretical framework is designed, by analyzing key concepts - curriculum, teaching and skills - through the study of a few teacher training frameworks, identifying their conduct concerning Mathematics teaching as well as reflecting on Mathematics' programmes (or their contents). Secondly, we present the methodology followed in this research, a qualitative one, supported by collected data which has been analyzed on a quantitative; we substantiate by theory our research and data treatment methodology. On the third part, the collected data is presented, analyzed and interpreted.

This research's main contribution is the view of a teacher's professionalism, based on curriculum dimensions. There was a need to highlight the dimensions which are specified on teaching plans and programmes. Although we recognize the importance of the teaching strategies dimension, it was not possible to include it in this research's specific matter.

Key words: curriculum, teaching, skills and teacher training.

Comunicação 39

Representações e opiniões dos estudantes de licenciatura sobre as praxes no ensino superior

Maria José D. Martins*; Suzana Nunes Caldeira**; Osvaldo Silva**; Suzana P. Botelho*** & Maria Mendes***

*Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico Portalegre; **CICS.NOVA | Universidade dos Açores Suzana P. Botelho, ***Universidade dos Açores

Resumo: As praxes no ensino superior são uma constante que se repete anualmente e pretendem, nas palavras dos seus principais promotores e atores, contribuir para a integração dos novos estudantes nas instituições de ensino superior e para a promoção da convivência e do divertimento entre estudantes. Contudo nos últimos anos a denúncia de praxes violentas e humilhantes e a revelação de acidentes graves, alegadamente decorrentes de atividades desenvolvidas no quadro das praxes, tem alertado a sociedade para a necessidade de compreender se de facto estas atividades contribuem para a integração e socialização dos estudantes ou se se limitam apenas a humilhações e abusos de natureza física e psicológica, aproximando-se mais de condutas de *bullying* do que de condutas de integração e convivência social. Esta investigação tem um carácter exploratório e pretende identificar o grau de envolvimento nas praxes dos estudantes que frequentam os vários cursos de licenciatura na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Portalegre, bem como conhecer as suas representações e opiniões sobre as praxes, de modo a clarificar se são de tonalidade predominantemente positiva, negativa, neutra ou ambivalente, por a forma a contribuir para melhor se compreender este fenómeno e a prevenir a violência física e psicológica entre pares no ensino superior.

Palavras chave: praxes, estudantes, ensino superior.

Abstract

The hazing in higher education are a constant that is repeated annually and are intended, in the words of its main promoters and actors, contribute to the integration of new students in higher education institutions and to promote coexistence and fun among students. However in recent years

5 - Representações e opiniões dos estudantes de licenciatura sobre as praxes no ensino superior

Maria José D. Martins (mariajmartins@esep.pt)*; Suzana Nunes Caldeira**; Osvaldo Dias Lopes da Silva**; Suzana Pinho Botelho** & Maria Mendes**

*Instituto Politécnico de Castelo Branco; **Universidade dos Açores

Resumo

As praxes no ensino superior são uma constante que se repete anualmente e pretendem, nas palavras dos seus principais promotores e atores, contribuir para a integração dos novos estudantes nas instituições de ensino superior e para a promoção da convivência e do divertimento entre estudantes. Contudo nos últimos anos a denúncia de praxes violentas e humilhantes e a revelação de acidentes graves, alegadamente decorrentes de atividades desenvolvidas no quadro das praxes, tem alertado a sociedade para a necessidade de compreender se de facto estas atividades contribuem para a integração e socialização dos estudantes ou se se limitam apenas a humilhações e abusos de natureza física e psicológica, aproximado-se mais de condutas de *bullying* do que de condutas de integração e convivência social. Esta investigação tem um carácter exploratório e pretende identificar o grau de envolvimento nas praxes dos estudantes que frequentam os vários cursos de licenciatura na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Portalegre, bem como conhecer as suas representações e opiniões sobre as praxes, de modo a clarificar se são de tonalidade predominantemente positiva, negativa, neutra ou ambivalente, por a forma a contribuir para melhor se compreender este fenómeno e a prevenir a violência física e psicológica entre pares no ensino superior.

Palavras chave: praxes, estudantes, ensino superior

Abstract

The hazing in higher education are a constant that is repeated annually and are intended, in the words of its main promoters and actors, contribute to the integration of new students in higher education institutions and to promote coexistence and fun among students. However in recent years the reporting of violent and humiliating hazing and the revelation of serious accidents, allegedly resulting from activities conducted in the framework of hazing, has warned the society to try to understand if these activities contribute to the integration and socialization of students or if are just a form of humiliation and physical and psychological abuse, consisting more in bullying behaviours than in conducts of social integration and coexistence. This research is an exploratory study and aims: to identify the degree of involvement in hazing of students attending the various degree courses at the School of Education at the Polytechnic Institute of Portalegre, and to know their representations and opinions on the hazing practices in order to clarify whether they are considered predominantly positive, negative, neutral or ambivalent, in view to better understand this phenomenon and to prevent the physical and psychological violence among peers in higher education.

Keywords: hazing, students, higher education

Introdução

As praxes académicas ocorrem anualmente em Portugal envolvendo estudantes de todas as instituições de ensino superior e embora, em geral, decorram fora das suas instalações (porque a maior parte proibiu a sua prática no interior das instalações), as instituições de ensino superior condescendem com as práticas que ocorrem na comunidade envolvente. As praxes académicas são assumidas pelos seus promotores como “tradições” estudantis que envolvem um conjunto de rituais que regem as relações hierárquicas e sociais da comunidade estudantil. As praxes mimetizam rituais de passagem, ou seja, conjuntos de práticas simbólicas que acompanham uma transição estatutária (Dias & Sá, 2013; Caldeira, Silva, Mendes, & Botelho, no prelo). No caso em estudo estes rituais de passagem assinalariam a entrada para o ensino superior ou mais especificamente a transição da adolescência para a juventude e não tanto para a idade adulta (Sprinthall & Collins, 1994).

Este processo parece decorrer de acordo com o previsto pela teoria da identidade social, proposta por alguns dos autores clássicos da psicologia social (Tajfel e Turner, 1979, citados por Klerk, 2013; Tajfel, 1983) onde se preconiza que: em contextos em que o indivíduo pretende entrar num novo grupo (o grupo dos estudantes de ensino superior) o conformismo às normas do grupo aumenta, fazendo prevalecer o sentimento de identidade grupal (ser estudante de ensino superior) sobre a identidade pessoal. Acresce a este aspeto o facto dos indivíduos exibirem uma tendência para valorizar mais algo que lhes exige um grande esforço, o que facilmente conduz a atividades de praxe que envolvem esforço físico e psicológico e que, por consequência, aumentam o valor subjetivo do grupo a que se pretende aceder e contribui para a coesão, lealdade intragrupal, e sobretudo para a dependência social, bem como para a reprodução de tais práticas ao longo dos anos de frequência dos cursos e até mesmo após o término dos mesmos (Klerk, 2013).

Vários estudos (e.g., Klerk, 2013; Nuwer, 2001) têm vindo evidenciar que estes rituais de passagem facilmente se convertem em formas de humilhação, abuso e coerção que assumem mais a forma de situações de *bullying* do que situações de integração e convivência social, podendo conduzir a danos físicos e/ou psicológicos. Assim, as práticas desenvolvidas no âmbito das praxes envolvem: insultos; privação do sono; abuso de bebidas alcoólicas; estar confinado em determinados espaços; vestir roupa e usar adereços embaraçosos; envolvimento em práticas pouco higiénicas (lavar o cabelo com água de bacalhau, entrar em lagos e fontes públicos ou aí ser *batizado*); cantar canções com letras obscenas na via pública; simular relações hierárquicas mais próximas de regimes ditatoriais e totalitários do que de regimes democráticos; assumir posturas e atitudes embaraçosas publicamente (por exemplo: imitar posturas de animais ou simular atos sexuais); prestar serviços aos *veteranos* (estudantes mais velhos) (Almeida, 2005; Cabral, 2007; Klerk, 2013; Nuwer, 2001).

Apesar dos estudos sobre praxes serem relativamente escassos em Portugal, nos últimos anos têm surgido alguns estudos que indicam a existência de atividades de *bullying* no ensino superior, em especial, associadas a praxes académicas (e.g., Matos, Jesus, Simões, & Nave, 2010; Silva, 2013), ou seja, evidenciam a ocorrência de comportamentos agressivos que se caracterizam por uma desigualdade de poder, em que alguém mais forte ou em grupo, abusa de uma vítima indefesa (Martins, 2009, 2013). O relatório sobre as praxes académicas do observatório dos direitos humanos, a propósito das praxes abusivas e da necessidade de medidas disciplinares sobre esses atos, afirma que «...o alegado consentimento do ofendido tem uma relevância diminuída uma vez que a maioria dos novos alunos não têm uma consciência livre e esclarecida dos seus direitos individuais...» por «...se encontrarem a maioria das vezes em situações de coação, nomeadamente por medo, constrangimento e ansiedade, ou motivados pela ameaça de exclusão» (Nascimento, 2010, p.11).

Deste modo, este estudo pretende identificar o grau de envolvimento nas praxes dos estudantes que frequentam os vários cursos de licenciatura da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Portalegre, bem como as suas representações e opiniões sobre as praxes, de modo a clarificar se são de tonalidade predominantemente positiva, negativa, ou ambivalente, por a forma a melhor compreender este fenómeno e a prevenir a violência física e psicológica entre pares no ensino superior.

Metodologia

Participantes:

De um total de 334 estudantes, dos 3 anos dos cursos de licenciatura em Educação Básica; Turismo, Jornalismo e Comunicação, Serviço Social, Educação Artística e Animação Sociocultural (neste dois últimos apenas o 3.º ano respondeu por ser o único ano em funcionamento), que frequentam a Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Portalegre, 209 participaram neste estudo, ou seja, cerca de 62.57% da população estudantil da ESEP. Os restantes 125 estudantes não responderam sobretudo devido a estarem a faltar às aulas na semana da aplicação dos questionários. 23% da amostra era do sexo masculino e 77% era do sexo feminino. As idades situavam-se entre os 18 e os 45 anos e a média de idades foi de 22.93 anos.

Instrumentos

Após preencherem a escala para avaliação das situações de *bullying* nas praxes do ensino superior de Matos, Jesus, Simões, Nave (2010) foi solicitado aos estudantes que respondessem a duas questões que irão ser as que vão ser objeto de análise neste artigo. Uma questão solicitava que

utilizassem dois adjetivos para caraterizar as praxes e uma outra pretendia saber qual o grau de envolvimento e o tipo de participação que haviam tido nas praxes, remetendo para 5 alternativas de resposta: a) “Não participei, declarei-me anti-praxe”; b) “Não participei em quase nada, mas não me declarei anti-praxe”; c) “Participei como *caloiro*”; d) “Participei nas praxes, mas apenas em algumas atividades”; e) “Participei ativamente em quase todas as atividades”.

O par de adjetivos utilizado por cada estudante para caraterizar as praxes foi classificado em uma de três categorias: positiva (quando ambos eram de tonalidade positiva); negativa (quando ambos eram de tonalidade negativa) e ambivalente (quando um dos adjetivos era positivo e o outro negativo). A solicitação de palavras na forma específica de adjetivos para caraterizar as praxes visava precisamente possibilitar uma classificação com caráter de avaliação para as expressões construídas pelos jovens.

Procedimentos

Após o estudo ter sido autorizado pela direção da instituição de ensino superior, os questionários foram aplicados por docentes dos cursos, ocupando uma parte de uma das aulas, após uma breve explicação dos objetivos do estudo. Os estudantes responderam com papel e lápis demorando cerca de 10 minutos a responder e foi garantida a confidencialidade e anonimato das respostas.

Apresentação dos resultados

Do total de 209 estudantes que responderam ao questionário, 20 afirmaram ter-se declarado anti-praxe, ou seja, apenas 9.57% do total dos que responderam às questões. A tabela 1 apresenta o grau de envolvimento dos estudantes nas praxes. No 1.º ano, 10 estudantes (12.5%) admitiram ter-se declarado anti-praxe, tendo os restantes 70 participado em maior ou menor grau nas praxes. No 2.º ano, 3 estudantes (5.26%) declaram-se anti-praxe, tendo os restantes 54 participado em maior ou menor grau nas praxes. No 3.º ano, foram 7 os estudantes (9.72%) anti-praxe, tendo os restantes 65 participado nas praxes. Registou-se assim que foi no primeiro ano dos cursos que se verificou um número maior de estudantes anti-praxe (em número absoluto e proporcionalmente ao número total de estudantes em cada ano) mas as diferenças foram pequenas e o número total de estudantes anti-praxe foi bastante reduzido nos três anos. A maioria dos estudantes envolveu-se ativamente nas praxes ou como objeto da praxe, isto é, como *caloiro* do 1.º ano, ou como sujeito que aplica a praxe aos outros, ou seja, como estudante do 2.º ou 3.º anos (ver tabela 1).

Tabela 1 – Grau de envolvimento dos estudantes nas praxes

Grau de envolvimento nas praxes	1.º ano	2.º ano	3.º ano	Total
Não participei nas praxes, declarei-me antipraxa	10 (12.5%)	3 (5.3%)	7 (9.7%)	20 (9.57%)
Não participei em quase nada, mas não me declarei antipraxa	17 (21.3%)	11 (19.3%)	13 (18.1%)	41 (19.62%)
Participei como caloiro	27 (33.8%)	9 (15.8%)	4 (5.6%)	40 (19.14%)
Participei nas praxes, mas apenas nalgumas atividades	5 (6.3%)	11 (19.3%)	16 (22.2%)	32 (15.31%)
Participei ativamente nas praxes em quase todas as atividades	20 (25.0%)	22 (38.6%)	27 (37.5%)	69 (33.01%)
Não responde/não se aplica	1 (1.3%)	1 (1.8%)	5 (7.0%)	7 (3.35%)
Total	80 (38.28%)	57 (27.27%)	72 (34.45%)	209 (100%)

Nas tabelas 2, 3 e 4, que se apresentam em seguida encontram-se os exemplos e as frequências relativas ao par de adjetivos construídos pelos jovens, depois de categorizados em uma de três categorias: classificação positiva (utilização de dois adjetivos positivos); classificação negativa (utilização de dois adjetivos negativos); e classificação ambivalente (utilização de um adjetivo positivo e de um ambivalente), para os três níveis de escolaridade das licenciaturas consideradas. Após dois juízes independentes efetuarem esta categorização, obteve-se uma percentagem de acordo na ordem dos 98.5% na categorização das respostas.

Tabela 2: Classificação das praxes pelos estudantes do 1.º ano da ESEP (n = 80)

Tipo de classificação	Exemplos	Frequência
Classificação positiva.	Integração e divertimento Divertidas e interactivas Respeito e integração Integração e entre-ajuda Animação e diversão	31 (38.75%)
Classificação negativa.	Exageradas e desnecessárias Humilhação e violência Desnecessária e por vezes agressiva Humilhante e pouco útil Exigente fisicamente e violento psicologicamente Não integradora e humilhante Dolorosas e horríveis	30 (37.50%)
Classificação ambivalente.	Cansativas e divertidas Integração e cansativas Integradora e humilhante	15 (18.75%)
Em branco		4 (5.00%)
Totais		80 (100%)

Tabela 3 : Classificação das praxes pelos estudantes do 2.º ano da ESEP (n = 57)

Tipo de classificação	Exemplos	Frequência
Classificação positiva.	Divertidas e integradoras Integração e amizade	26 (45.61%)
Classificação negativa.	Abuso e desrespeito Fascistas e desnecessárias Excessivo e ridículo Ridículo e humilhante Violentas e exageradas	13 (22.81%)
Classificação ambivalente.	Necessárias e malfeitas Integração e esgotante Engraçado e cansativo Integração e ineficazes Familiaridade e desgaste físico	14 (24.56%)
Em branco		4 (7.02%)
Totais		57 (100%)

Tabela 4: Classificação das praxes pelos estudantes do 3.º ano da ESEP (n = 72)

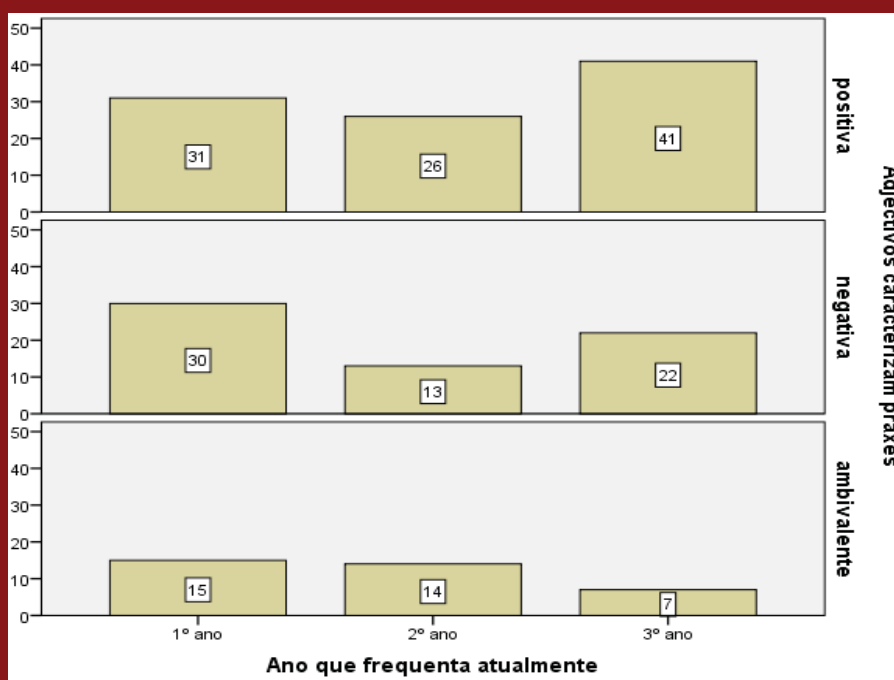
Tipo de classificação	Exemplos	Frequência
Classificação positiva.	Integração e diversão Integração e socialização Integração e respeito Convivência e camaradagem Diversão e amizade Diversão e animação	41 (56.94%)
Classificação negativa.	Abuso e violência Violentas e desnecessárias Ritualista e excessiva Agressivas e ridículas Desrespeito e violentas Humilhação e desrespeito Autoridade e desrespeito Humilhação e irresponsabilidade Macabras e inconscientes Agressivas e não integradoras	22 (30.55%)
Classificação ambivalente.	Cansativas e engraçadas Abuso e divertimento Integração e humilhação	7 (9.72%)
Em branco		2 (2.78%)
Totais		72 (100%)

A análise dos dados das tabelas 2, 3 e 4 revela que aproximadamente metade dos estudantes inquiridos encara as praxes de um modo positivo, como algo que os diverte e que contribui para a integração no ensino superior. Esta representação é maioritária no 3.º ano (56.94%), seguindo-se o 2.º ano (com 45.61%), e é menos saliente no 1.º ano, em que apenas um pouco mais de um terço dos estudantes (38.75%) se posiciona de um modo claramente favorável às praxes.

É também no primeiro ano que surgem as maiores frequências no que respeita a considerar as praxes como algo negativo, assim um pouco mais de um terço dos estudantes do primeiro ano classifica as praxes com adjetivos de tonalidade exclusivamente negativa (37.5%), estes valores baixam no 2.º e 3.º ano e, de forma mais acentuada, no 3.º ano comparativamente ao 2.º ano (com 22.81% e 30.55% respetivamente) (tabelas 2, 3 e 4).

Curiosamente as respostas incluídas na categoria relativa à classificação ambivalente surgem também com razoável frequência, sobretudo no 1.º ano e 2.º anos (com 18.75% e 22.81%, respetivamente), ou seja, em quase um quarto das respostas, diminuindo depois no 3.º ano, para 9.72% das respostas. Este dado parece revelar que os mais velhos e mais experientes têm mais facilidade em se posicionar de forma claramente favorável ou desfavorável relativamente ao fenómeno das praxes, enquanto os mais novos e menos experientes parecem ter dificuldade em classificar ou pelo menos em avaliar de forma claramente positiva ou negativa o fenómeno. De salientar que alguns dos adjetivos explicitados pelo mesmo estudante são completamente contraditórios e irreconciliáveis, parecendo revelar confusão de sentimentos e pensamentos da parte dos jovens, como nos exemplos em que se considera que a praxe é simultaneamente integradora e humilhante ou abusiva e integradora. (tabelas 2, 3 e 4). O gráfico 1 apresenta um resumo comparativo do tipo de adjetivos utilizados nos três anos das licenciaturas para caraterizar as praxes.

Gráfico 1 – Tipo de adjetivos utilizados pelos estudantes para caraterizar as praxes, segundo o ano que frequentam



A um nível meramente exploratório, observa-se no gráfico 1 que o número de opiniões positivas é mais elevada no 3.º ano do que nos anos anteriores e que o número de opiniões negativas é mais elevado no 1.º ano que nos restantes anos.

Com o intuito de verificarmos se os resultados obtidos para a amostra podem ser extrapoladas para a população, foi utilizado o teste de homogeneidade do qui-quadrado. Pretende-se verificar, nomeadamente, se a variável “tipo de adjetivos que caracterizam as praxes” se distribui de forma idêntica (homogénea) nas populações distintas caracterizadas pela variável “ano que o aluno frequenta”. O teste aplicado permitiu concluir que não há evidência estatística para rejeitar a hipótese de haver homogeneidade nas proporções de tipos de opiniões (positiva, negativa e ambivalente) dadas pelos alunos sobre as praxes pelos três anos dos cursos que estes frequentam ($\chi^2=9.203$, p-value=0.056, $\alpha=0.05$). Logo as diferenças registadas entre os três anos de licenciatura não atingiram valores estatisticamente significativos.

Constata-se com base na leitura das tabelas 1 e 5, que somente 9.5% dos alunos se declararam anti-praxe; que cerca de 28.6% dos alunos quase não participaram nas praxes e que cerca de 33.7% dos alunos participaram muito ativamente nas praxes. Com o intuito de avaliar se existe associação entre o tipo de participação nas praxes pelos estudantes e os adjetivos que estes utilizaram para as caracterizar verificou-se, com base na estatística do qui-quadrado, que existe uma associação significativa entre estas duas variáveis ($\chi^2=72.225$, p=0.000). Verifica-se, com base nos resultados obtidos que são os estudantes que mais participaram nas praxes aqueles que enunciam adjetivos com maior conotação positiva (94.7%) enquanto os alunos que não participaram nas praxes são aqueles que registam frequências mais elevadas de adjetivos com conotação negativa (68.3%). Contudo é ainda de salientar que são os estudantes que mais participam nas praxes que mais utilizam o par de adjetivos categorizado como ambivalente (75%).

Tabela n.º 5: Relação entre o grau de envolvimento nas praxes e o tipo de adjetivos utilizados para as caraterizar

	Adjetivos Positivos	Adjetivos Negativos	Adjetivos Ambivalentes	Totais
Não Participa nas praxes (aglutinação das alíneas a e b)	5 (5.3%)	43 (68.3%)	9 (25.0%)	57 (29.5%)
Participa ativamente nas praxes (aglutinação das alíneas de c a e)	89 (94.7%)	20 (31.7%)	27 (75.0%)	136 (70.5%)

Na tabela 6 apresenta-se uma lista dos adjetivos, isoladamente considerados, mais utilizados pelos estudantes e, como se pode constatar pela leitura desta tabela, houve menos diversidade na utilização de adjetivos positivos comparativamente aos negativos.

Tabela 6: Adjectivos mais frequentemente utilizados pelos estudantes da ESEP (isoladamente considerados e assinalados apenas os que surgem mais de 3 vezes em cada ano)

Ano/ tipo adjectivo	Adjectivos positivos mais registados	Adjectivos negativos mais registados
1.º ano	Integração/integradoras = 35 registos Divertimento/diversão = 11 registos	Violência/violentas/abusivas = 10 registos Humilhantes = 11 registos Desnecessárias = 10 registos Cansativas = 4 registos
2.º ano	Integração/integradoras = 26 registos Divertidas/diversão = 16 registos	Cansativas = 11 registos Exigente física e psicologicamente = 3 registos Desinteressantes = 3 registos
3.º ano	Integração/integradoras = 33 registos Divertimento/diversão = 15 registos Socialização = 11 registos	Violência/agressão/abuso = 9 registos Humilhação/humilhantes = 7 registos Desnecessárias = 5 registos Desrespeito = 3 registos

Assim, no plano positivo, predominaram claramente as palavras: “integradoras” e “divertidas” para os três anos de licenciatura considerados, no 3.º ano surge também com frequência razoável a palavra “socializadora”. No plano negativo surgem as palavras: “violentas”, “abusivas”, “agressivas”, “humilhantes”, “desinteressantes”, “desnecessárias”, “desrespeitosas”, “cansativas”, todas estas palavras (à exceção talvez do adjetivo “cansativas” que poderia eventualmente considerar-se neutro) têm uma conotação fortemente negativa, indicando falta de civismo e sugerindo, em alguns casos, a ocorrência de atos de violência física e psicológica (tabela 6).

Discussão e Conclusões

Este estudo teve um carácter exploratório mas permitiu evidenciar que, na instituição de ensino superior estudada, a grande maioria dos estudantes (90.43%) participou de algum modo nas praxes. Apenas uma minoria (9.57%) se declarou anti-praxe e não participou em nenhuma dessas atividades.

Esta investigação deixou também evidente uma clara divisão entre os estudantes que gostam e se divertem com as praxes, considerado-as integradoras, divertidas e promotoras de uma socialização que garante o respeito pelos demais, dos estudantes que se sentem mal com as praxes e que as consideram desnecessárias, abusivas, humilhantes, desrespeitadoras e por vezes mesmo violentas física e psicologicamente, resultados estes que estão em consonância com os obtidos por outros estudos efetuados com outras metodologias, em outras instituições de ensino superior (Dias & Sá, 2013). Esta divisão nas opiniões dos estudantes pode refletir, por um lado, uma representação e opinião diferente face às mesmas atividades ou, por outro lado, uma participação em atividades de natureza diferente que gera, por consequência, sentimentos e pensamentos divergentes nos estudantes. Contudo, o estudo revelou ainda que alguns estudantes, sobretudo os do primeiro ano,

parecem confusos e têm dificuldade em posicionar-se face à praxes (aqueles cujas respostas foram incluídas na classificação ambivalente), pelo que as opiniões divergentes podem também refletir uma maneira diferente de vivenciar as atividades. A apoiar esta ideia está o facto de que no primeiro ano as praxes eram encaradas de forma mais negativa pelos estudantes, comparativamente aos do segundo e terceiros anos, embora essas diferenças não se tenham revelado estatisticamente significativas. De qualquer forma será necessária mais investigação sobre a natureza das atividades específicas envolvidas nas praxes em relação com as opiniões dos estudantes, para clarificar esta questão.

Se somarmos às avaliações negativas as ambivalentes poderemos concluir que cerca de metade dos estudantes da amostra não gosta de todo das praxes ou está confusa quanto ao modo de posicionamento face a estas atividades. Apesar de serem os que menos participaram nas praxes que as classificam de modo mais negativo registou-se, entre os que mais ativamente participaram nas praxes, um elevado número de pares de adjetivos categorizados como ambivalentes, sobretudo no 1.º e 2.º anos. Este dado parece refletir sentimentos ambivalentes face à praxe, refletindo provavelmente o contentamento com a entrada no ensino superior, ao mesmo tempo que algum medo e rejeição das atividades inerentes à praxe, associados à falta de apoio social da família e dos amigos do secundário (Dias & Sá, 2013).

Será interessante no futuro comparar estes dados com os de outras instituições de ensino superior a fim de verificar se se replicam ou se são específicos desta instituição em particular.

Uma conclusão que ressalta deste estudo é o facto das percentagens de estudantes que consideram as praxes violentas, agressivas, abusivas, e humilhantes se aproximar de cerca de um terço do total de estudantes da amostra. Ora estes valores são muito elevados e são próximos dos valores mais altos encontrados para estudos específicos de práticas de bullying e/ou de cyberbullying, quer nos contextos do ensino superior, quer nos contextos do ensino secundário, que se situam geralmente entre os 10% a 40% (Francisco, Veiga Simão, Ferreira, & Martins, no prelo; Kowalski, Giummetti, Schroeder, & Lattanner, 2014; Martins, Veiga Simão, & Azevedo, 2014; Martins, 2009) e devem por isso merecer a atenção das instituições de ensino superior, em particular da instituição em causa.

As praxes existem em vários países mas a denúncia de praxes abusivas conduz frequentemente a que as próprias instituições de ensino superior criem os regulamentos e medidas disciplinares que permitem enfrentar o problema (e.g., Klerk, 2013). Em Portugal, o Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior (Lei n.º 62/2007, de 10 de setembro) estabelece, na alínea b) do n.º 4 do seu artigo 75.º, que constitui infracção disciplinar dos estudantes «a prática de actos de violência ou coacção física ou psicológica sobre outros estudantes, designadamente no quadro

da praxe académica». Mais recentemente, o Ministério da Ciência da República Portuguesa criou em 2014 um endereço electrónico (praxesabusivas@mec.gov.pt) onde podem ser denunciados abusos ocorridos no âmbito das atividades de praxe, de acordo com a resolução da Assembleia da República n.º 24/2014, aprovada em 28 de fevereiro de 2014, na sequência da ocorrência de acidentes graves, alegadamente ocorridos no âmbito de atividades conotadas com praxes académicas. Compete aos reitores das universidades e presidentes dos institutos politécnicos o exercício do poder disciplinar, podendo as penas a aplicar aos estudantes ir desde a advertência até à interdição da frequência da instituição de ensino superior por cinco anos. Mesmo assim, a prática da praxe tem-se mantido ao longo dos últimos anos e nas palavras de um jovem «Estão cá para sofrer, é uns anos uns, uns anos outros» (Almeida, 2005). Esta frase é indicadora de que as atividades abusivas vão continuar pois os estudantes mais velhos apenas têm a possibilidade de legitimar o que lhes aconteceu no primeiro ano rejeitando liminarmente estas atividades, ou repetindo-as com os mais novos e quiçá agravando-as, através de um processo que lembra a transmissão intergeracional da violência, documentado nos estudos sobre maus tratos, em que as vítimas ao não receberem apoio, acabam por assumir os comportamentos dos agressores (e.g., McCord, 2002).

Referências bibliográficas

- Almeida, H. (2005). *Academia de submissos*. Documentário filmado disponível em: <https://www.youtube.com/embed/OzpC2wgevI0>
- Cabral, L. (2007). *Consumo de bebidas alcoólicas em rituais/praxes académicas*. Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar. Doutoramento apresentado à Universidade do Porto. <http://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/7207/2/Doutoramento%20Lidia%20do%20Rosrio%20Cabral%20Agosto2007.pdf>
- Caldeira, S., Silva, O, Mendes, M., & Botelho, S. (no prelo). Praxe académica: meio de integração ou ações de humilhação? *Aprender*, Disponível on-line: www.esep.pt
- Dias, D. & Sá, M. J. (2013). Rituais de transição no ensino superior português: A praxe enquanto processo de reconfiguração identitária. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación*, 21 (1), 18, 21 –34. Disponível em http://ruc.udc.es/bitstream/2183/12618/1/RGP_21_2013_art_2.pdf
- Francisco, S., Veiga Simão, A. M., Ferreira, P. C. & Martins, M. J. D. (in press). Cyberbullying: The hidden side of college students. *Computers in human behavior*, 43, 167-182. <http://doi.org/10.1016/j.chb.2014.10045> (Available only in 2015).
- Klerk, V. (2013). Initiation, hazing or orientation? A case study at a South African university. *International Research in Education*, 1 (1), pp.86-100. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5296/ire.v1i1.4026>
- Kowalski, R., Giummetti, G., Schroeder, A., & Lattanner, M. (2014). Bullying in the digital age: A critical review and meta-analysis of cyberbullying research among youth. *Psychological Bulletin*, 1-61. doi: 10.1037/a0035618.

Martins, M. J. D. (2009). *Maus tratos entre adolescentes na escola*. Penafiel: Editorial Novembro.

Martins, M. J. D. (2013). Problemas relacionais na escola: explicações e sentimentos dos adolescentes. In M. Serpa, S. Caldeira, & C. Gomes (Orgs.). *Resolução de problemas em contexto escolar* (pp. 85-106). Lisboa: Colibri

Martins, M. J. D., Veiga Simão, A. M. & Azevedo, P. (2014). Experiências de cyberbullying relatadas por estudantes do ensino superior politécnico. In F. Veiga (Coord.). (2014). *Envolvimento dos Alunos na Escola: Perspetivas Internacionais da Psicologia e Educação/Students' Engagement in School: International Perspectives of Psychology and Education*. (pp.853-865). Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. ISBN: 978-989-98314-8-3. Disponível on-line: http://www.ie.ul.pt/portal/page?_pageid=406,1540199&_dad=portal&_schema=PORTAL

Matos, F., Jesus, S., Simões, H., & Nave, F. (2010). Escala para avaliação das situações de *bullying* nas praxes do ensino superior. *Psyc@w@re*, 3 (1). Disponível em: <http://www1.ci.uc.pt/ipc/2002010/revista/c6944bceb08cb00930b00b6645171101.pdf>

McCord, J. (2002). Forjar criminosos na família. In A C. Fonseca. *Comportamento anti-social na família. Uma abordagem científica*, (pp.15-36). Coimbra: Almedina.

Nascimento, D. (2010). (Relator). Relatório sobre as praxes académicas. *Observatório dos direitos humanos*. Disponível on-line: <http://www.observatoriodireitoshumanos.net/>

Nuwer, H. (2001). *Wrongs of passage: fraternities, sororities, hazing and binge drinking*. Bloomington: Indiana University Press. Disponível on-line: https://www.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=IHM9ltEQIU0C&oi=fnd&pg=PR11&dq=hazing&ots=Jq3nevH5Xa&sig=z1iYg4Hs0oydp2vosFeNSwz8UZ8&redir_esc=y#v=onepage&q=hazing&f=false

Silva, A C. (2013). *Bullying no ensino superior. Caso da Universidade do Minho: O contributo do marketing social*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Minho.

Sprinthall, N. & Collins, W. (1994). *Psicologia do adolescente. Uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Tajfel, H. (1983). *Grupos humanos e categorias sociais*. Vol. II. Lisboa: Livros Horizonte